

ANACRONISMOS E HIBRIDISMOS
DA ARTE CONTEMPORÂNEA
BRASILEIRA PELAS LENTES DAS
CORES DA NOSSA BANDEIRA

ANACHRONISMS AND HYBRIDISMS
OF CONTEMPORARY BRAZILIAN
ART THROUGH THE LENS OF THE
COLORS OF OUR FLAG

LIVRO

Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art

AUTOR

Michael Asbury

RESENHISTA

Mario Caillaux

ISSN 1518–5494

ISSN-E 2447–2484

No final do ano passado, foi lançado o novo estudo do crítico e historiador Michael Asbury, *Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art*. Asbury, que é um dos fundadores do centro de pesquisa TrAIN (*Transnational Art, Identity and Nation*), sediado na *University of The Arts*, em Londres, vem, há mais de vinte anos, contribuindo de maneira significativa com os estudos e com a divulgação da arte brasileira, tanto internacionalmente quanto localmente. Neste seu novo livro, que saiu pela editora inglesa *Reaktion Books*, o autor percorre, de maneira fluida e criativa, a nossa História da Arte, alinhada com a própria História do Brasil. Uma das forças da publicação está justamente em mostrar o papel que a arte desempenha em uma formação e na construção histórica e cultural de uma nação. Ou como próprio autor sublinha:

A arte traça a história de uma nação, alimenta a memória coletiva através da representação dos principais protagonistas e eventos. Imagens do passado reaparecem, ressurgem no presente, conscientemente ou não, através da literatura, da cultura popular, do cinema e da arte (contemporânea). Estes fortalecem o vínculo, o sentimento de pertencimento a uma nação. (Asbury, 2023, p. 16 – tradução nossa)

A escolha do título, emprestada de uma obra de Wesley Duke Lee, é bastante oportuna. Ela transmite uma das principais questões levantadas no livro: a ideia do anacronismo. Em sua narrativa, o autor realiza avanços e recuos de maneira perspicaz, relacionando acontecimentos e obras separadas por temporalidades e linguagens distintas. A adoção desta metodologia se dá devido à própria complexidade do objeto da publicação: a arte contemporânea brasileira. Para o crítico, a arte contemporânea não deve ser vista através de uma localização temporal bem delimitada. Desta maneira, ela estaria relacionada ao debate de uma tradição norte-americana/europeia, tornando problemática a inserção de propostas de países periféricos, como, por exemplo, o Brasil, com suas idiossincrasias e hibridismos. É por isso que, para Asbury, a ideia de contemporaneidade abrange também “[...] referências plurais e subjetivas a diferentes temporalidades. Uma obra de arte contemporânea pode, portanto, invocar diferentes tempos históricos como expressão da sua abordagem crítica à sua própria contemporaneidade” (Asbury, 2023, p.10 – tradução nossa). Assim, torna-se mais pacífica a relação entre este conceito e a ideia de nação.

Asbury se apropria dos signos que compõem a bandeira do Brasil como um dispositivo para estruturar a sua narrativa. Partindo da construção romântica, que aprendemos no colégio, sobre o significado das cores da nossa bandeira – o verde representando nossas matas, o amarelo nossas riquezas minerais e o azul nosso céu –, o autor, de maneira irônica, nomeia cada um dos capítulos, jogando com essa ideia. No primeiro, “*Order, Progress (and Love)*”, que faz uma referência ao lema positivista que estampa a nossa bandeira, o tom crítico fica bastante evidente pelas obras tratadas. Ele analisa uma série de trabalhos que se apropriam desse símbolo nacional e/ou fazem interferências nele. Já em “*Green: Contemporary Art and the Founding of the Nation*” é debatido como a arte articula a presença dos povos indígenas, desde representações históricas, passando pelas críticas a essa visão que os artistas realizaram ao longo dos tempos, até chegar na atuação e na construção poética de artistas indígenas na arte contemporânea.

O terceiro capítulo, “*Yellow: Contemporary Brazilian Art and Extractivism*”, trata não apenas da devastação que o extrativismo causa no ambiente, mas também como a

arte, em vários momentos, denuncia e articula esses problemas. Ele também evoca um ponto delicado e importante, poucas vezes abordado: o financiamento de setores extrativistas no desenvolvimento cultural. Já no capítulo “*Blue: When Was Contemporary Art*”, Asbury trata do emergir da arte contemporânea brasileira desde as experiências dos anos de 1950 e 1960, trazendo a ideia da universalidade até, em suas palavras, a “consolidação da marca da arte contemporânea nacional nos anos de 1990” (2023, p.209 – tradução nossa). No quinto e último capítulo, denominado “*White: A Separation that Relates*”, o crítico questiona a ideia do “país do futuro”, articulando aspectos muitas vezes ignorados e silenciados em nossa sociedade. Ele busca mostrar de que maneira a arte contemporânea problematiza e lida com questões sobre gênero, sexualidade e raça.

Com o lançamento de “*Today Is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art*”, lacunas importantes em nossa historiografia estão sendo preenchidas. Se por um lado o fato de a publicação ter sido lançada no exterior incentiva e divulga a nossa arte e história junto a um público global, por outro lado, esperamos ansiosos por uma versão e distribuição em português. O livro tem muito a acrescentar ao debate e ao sistema artístico brasileiro como um todo.

REFERÊNCIAS

ASBURY, Michael. *Today is Always Yesterday: Contemporary Brazilian Art*. London, Reaktion Books, 2023.